

# Fluxo paulista para o entorno dos centros urbanos



Migração paulista. Vista aérea de Granja Viana, na Zona Oeste da Grande São Paulo, uma das regiões que mais cresceram de 2010 a 2022, processo semelhante ao da chegada de mais moradores aos subúrbios de municípios do interior

## SÃO PAULO SE MOVE

### Áreas que já eram populosas no estado ganharam mais moradores em 12 anos

**RAFAEL GARCIA**  
Jornalista do O Globo

A dinâmica de variação populacional no estado de São Paulo entre os censos de 2010 e 2022 do IBGE revela uma tendência de crescimento das áreas que já são mais adensadas, sobretudo na Zona Oeste da região metropolitana. Algumas localidades remotas do estado, em compensação, já eram pouco povoadas e estão ainda mais vazias, como o Vale do Ribeira e o Pontal do Paranapanema.

Além da Grande São Paulo, uma região do interior apresenta crescimento destacado: o Noroeste, principalmente os municípios no entorno de São José do Rio Preto. Ao todo, 198 cidades tiveram queda de população no estado, que teve crescimento de 7,7% na população no período de 12 anos.

O contraste entre regiões que mais aumentaram ou diminuíram no estado mais populoso do país mostra algumas tendências geográficas. O município paulista que mais cresceu em uma década foi Bady Bassitt, na região metropolitana de São José do Rio Preto, cuja população ganhou 12,567 pessoas em 12 anos, um aumento de 5,3%. Irapuru, perto do Pontal, que perdeu 1.851 pessoas, encolheu 2,24%, a maior redução relativa no estado.

Para o demógrafo José Marcos Pinto da Costa, do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o crescimento dos subúrbios do interior e o acréscimo populacional na periferia da Grande São Paulo entre os dois censos

são processos relacionados. — Existe um processo redistributivo muito forte nas regiões metropolitanas. Elas têm um potencial endógeno de crescimento muito grande. São regiões de muita população, e onde a briga pela ocupação do solo é muito forte, onde morar é cada vez mais competitivo — explica o cientista.

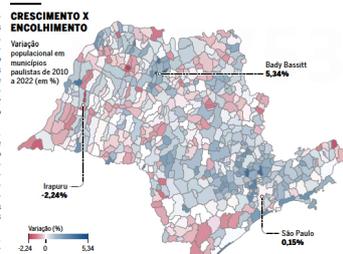
Segundo Pinto da Costa, essa redistribuição ocorre mesmo em regiões que não tiveram aumento populacional líquido, e é evidência sobretudo no surgimento de muitos condomínios fechados, tanto para os de renda alta quanto os de renda média.

— A partir dos anos 1990, as populações de média e alta renda começaram a competir por espaço nas regiões mais distantes dos centros regionais, porque os municípios nos centros delas estão produzindo mais consistentemente para atrair população e acabam encolhendo — diz.

No Vale do Ribeira, onde não há um centro de produção como Presidente Prudente, o encolhimento é mais intenso. Todos os municípios numa faixa que vai de Juquitiba (ao lado da capital) até a Barra do Turvo (divisa com Paraná) encoleram de população.

O Ribeira, que é uma das regiões mais pobres do estado, sempre foi pouco povoado, em parte por ter muitas áreas de preservação ambiental. E está se esvaziando ainda mais.

— Existe também ali uma fuga da população mais jovem, que tem que buscar alternativas para estudar e até para trabalhar. Então, ao mesmo tempo que esses municípios encolhem, eles tendem a env-



hecer também — diz Pinto da Costa.

Na Grande São Paulo, os maiores aumentos proporcionais de população foram no cinturão de cidades na saída das rodovias Raposo Tavares, Castelo Branco e Anhanguera-Bandeirantes. Apesar de a capital ter crescido apenas 0,15%, cidades como Cotia, Santana do Parnaíba e Cajamar tiveram aumento em torno de 3%.

As variações percentuais maiores tendem a ocorrer em populações pequenas, o que é um fenômeno estatístico normal. Mas, por esse critério, as regiões de São José do Rio Preto (que ganhou 72 mil habitantes) e da Grande São Paulo também se destacam.

Em números absolutos, quase todas as grandes cidades do interior com economia baseada no agronegócio cresceram. Especialmente Ribeirão Preto, que

Sul, até Ubatuba, no Norte.

Segundo Pinto da Costa, o que ocorreu em Santos foi uma espécie de saturação territorial.

— A parte continental de Santos tem poucas áreas disponíveis, por causa das áreas protegidas na Serra do Mar. E a parte insular praticamente se esgotou. Não tem mais espaço para população ali. Uma coisa parecida aconteceu com São Vicente — explica o demógrafo.

**CRESCIMENTO LINEAR**

Pinto da Costa acrescenta que, com a limitação do mar, o litoral passa por um crescimento geometricamente linear, com outros municípios da costa ganhando população. Lugares como Bertoga, que se caracterizam por uma população muito flutuante, hoje têm população fixa um pouco maior, também acomodada em condomínios fechados de diferentes patões de renda.

Segundo o pesquisador, o aumento da classe média e alta morando em condomínios fechados com restrição de circulação foi um fenômeno relatado pelos pesquisadores. Os funcionários do IBGE receberam muitas negativas aos pedidos de entrevistas nesses locais, especialmente em São Paulo.

— Em contrapartida, porque não condomínio fechado poderia se esperar que as pessoas teriam mais chances de estar mais bem informadas. Mas elas deram menos importância. Será que as pessoas pensam que elas não precisam de políticas públicas? — questiona o cientista.

Pinto da Costa diz que confia na robustez dos dados do Censo de 2022, a despeito dos desafios enfrentados, e espera que a dança dos números não seja diferente daquela ocorrida em outras oportunidades.

— Toda vez que sai um dado censitário existe chibideira, porque o dado se reflete nos recursos do Fundo de Participação de Municípios, que vai definir se o município muda de faixa. Depoimento, aparece muito prefeito pedindo recotagem — lembra.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil Pagina: 13